

# Despropósitos: estudos de ficção brasileira contemporânea

TÂNIA PELLEGRINI

*Fapesp/Annablume, 2008, 244p.*

*Hermenegildo José Bastos\**

Tania Pelegrini, autora de vários livros importantes sobre literatura brasileira, acaba agora de publicar *Despropósitos*. O título, como diz na justificativa que antecede o livro, está de acordo com o caráter ensaístico dos textos coligidos: é uma reunião de ensaios escritos para congressos e encontros e publicados em revistas especializadas.

Valendo-se de Adorno e de sua concepção de ensaio, ela sublinha ao mesmo tempo as limitações e as grandezas dos trabalhos. Limitações porque são textos com a “marca da incompletude”, como textos de circunstância (ah, os poemas de circunstâncias de Bandeira, que falta que eles nos fazem!). Não são partes de uma tese acadêmica ou de um livro elaborado exatamente como livro. Mas aí também está sua grandeza: sem contar com a sistematicidade da tese ou do livro gestado como livro, *Despropósitos* tem a grandeza da amplitude dos temas (que em outros casos poderia ser uma fraqueza) e de uma vida intelectual, a da autora, voltada para questões prementes.

A premência contém o propósito. Despropósito não quer dizer propriamente carente de propósito, de razão ou motivo. É o propósito que se impõe “em situação”, e embora ela não se refira ao Sartre de *Situations*, seus textos, de uma escrita exercida como atuação, guardam a idéia de intervenção na vida cultural e

---

\* Professor da Universidade de Brasília.

ideológica. Ensaaios contra os propósitos dominantes na vida social brasileira. Os ensaios abrangem temas da literatura, do cinema e da telenovela. Aí se encontram a violência e a frivolidade, coisas que em princípio se poderia pensar que se excluiriam mutuamente. As análises, sempre cuidadosas e pertinentes, evidenciam, porém, a coexistência da violência e da frivolidade num país em que os velhos problemas de desigualdade, jamais resolvidos, se agravaram até atingir o limite. A comparação entre Graciliano Ramos e Milton Hatoum expõe velhas chagas da sociedade brasileira, a sua permanência e o seu agravamento.

O universo analisado é a produção cultural contemporânea, mas a autora cuida de relacionar essa produção com a produção anterior, evitando assim congelar o objeto de análise retirando-o do fluxo da história. A preocupação histórica é um dos aspectos que fazem do livro uma obra singular e importante. Diz a autora: “Parece claro que o pós-moderno brasileiro corresponde às especificidades dos processos formadores da nossa economia e sociedade, que, mesmo não sendo exatamente outros, em relação aos do chamado primeiro mundo, funcionam de forma diferente, com dinâmica e tempo diversos” (p.69).

Lendo o livro, entretanto, o leitor fica com a sensação de que o despropósito migra dos ensaios para as obras analisadas. Não que as obras não tenham valor. Mas a questão básica do livro é analisar com preocupação histórica um momento da produção literária e artística brasileira que pretende se furta à história – o pós-moderno. Sempre com propriedade, Pellegrini discute as diversas concepções de pós-moderno (no exterior e no Brasil). O pós-moderno não é apenas uma nova maneira de se fazer literatura, mas uma nova forma de viver, de sentir, de produzir e consumir. Antes de tudo, é a designação para a etapa do capitalismo tardio na qual a cultura é uma extensão da economia. Para os que acham que a história acabou, que já não têm sentido os metarrelatos, que as lutas só podem se desenvolver na dimensão micro e já não contamos com uma lógica totalizante – ou seja, uma lógica que leve à totalização e não que parta dela –, para estes fica o mais profundo incômodo de explicar como tudo isso é histórico.

As diversas concepções de pós-moderno talvez possam ser colocadas em dois grandes grupos, sem prejuízo, é claro, das nuances: a concepção segundo a qual a superação do realismo, dos metarrelatos, da lógica totalizante nos colocou mais perto da liberdade; e a concepção segundo a qual a condição pós-moderna é um agravamento dos problemas trazidos pela modernidade. A modernidade iluminista não cumpriu o que prometeu – sobretudo se pensamos nos povos colonizados. Há um pós-moderno que se assume como pastiche e simulacro; outro que reinventa as promessas da modernidade. Enquanto isso, os críticos fundamentais da modernidade capitalista são jogados no lixo com aquilo que eles criticam. A obra literária sempre esteve fora de propósito, porque é imprópria.

Como trabalho que é, a literatura não tem propósito. Ela é imprópria porque inadequada. Inserida nas contradições sociais, ela, algumas vezes, pode iluminar as contradições. Nesta acepção o despropósito é uma recusa à sociedade adminis-

trada. A questão espinhosa com a qual se debate Pellegrini é saber se a literatura foi captada pelo planeta mercadoria, perdendo assim o despropósito ou o poder de recusa. Vista assim, a crise da representação é a força da literatura. A questão “o que é a realidade” depende do ponto de vista de quem a enuncia. Quem diz a verdade e a partir de que ponto de vista?

Outra coisa é partir do princípio de que não existe realidade porque, se assim é, não há crise de representação. Entre a obra e o mundo cuja existência se pretende negar, há apenas “mesmidade”.

A obra literária deve negar o mundo, recusá-lo. O pós-moderno, pelo contrário, não nega o mundo, dissolve-se nele. No belo ensaio sobre Sérgio Sant’Anna, Pellegrini assinala a aparente transgressão do pós-moderno. Em vez de transgressão, o que se vê é prestidigitação e nessa subjaz “um impulso fetichista”.

A obra assimilada pela lei do mercado. Na obra de Sérgio Sant’Anna há “uma espécie de irreverência dadaísta esvaziada ou uma atitude rebelde que esconde um niilismo de base”. A veia crítica está voltada apenas para “as delícias do jogo lingüístico”.

O conjunto de ensaios de *Despropósitos* visa a retomar um debate que parece ter-se esgotado: o debate sobre o pós-moderno. O debate que era vivo nos anos 90 perdeu sua vigência graças à própria lógica cultural pós-moderna que termina por neutralizar e desqualificar seus próprios debates como é próprio da indústria cultural.

Tânia Pellegrini empenha-se em retomar o debate para evitar que a ideologia seja neutralizada, pacificada, incorporada. O caso brasileiro é, como sempre, peculiar: uma sociedade que jamais foi moderna no sentido estrito vem a ser pós-moderna. A discussão pode se ampliar no sentido de incluir a questão da nossa modernidade, ou seu paradoxo: modernos somos desde sempre porque o Brasil nasceu com o capitalismo e este nasceu com o Brasil. Sempre fomos, porém, modernos de modo muito peculiar.

As nossas peculiaridades continuam desafiando os escritores. A ausência de debate faz que consideremos encerrado algo que de fato não está. Em boa hora nos chega *Despropósitos* para que se reabra o debate.

BASTOS, Hermenegildo José. Resenha de: PELLEGRINI, Tânia. Despropósitos: estudos de ficção brasileira contemporânea. Fapesp/Annablume, 2008, 244p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.28, 2009, p.195-197.

***Palavras-chave:*** Ensaio; Literatura; Produção cultural.